



OS SENHORES DE ROMA

TIBÉRIO

ALLAN MASSIE

OS SENHORES DE ROMA

TIBÉRIO

ALLAN MASSIE

TRADUÇÃO
ALEXANDRE MARTINS



**COPYRIGHT © ALLAN MASSIE, 1993
ALL RIGHTS RESERVED.**

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.**

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial: **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial: **CARLA SACRATO**

Preparação: **GABRIELA ÁVILLA**

Revisão: **THAÍS ENRIEL**

Capa: **RENATO KLISMAN | SAAVEDRA EDIÇÕES**

Projeto gráfico e diagramação: **CRISTIANE | SAAVEDRA EDIÇÕES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Massie, Allan 1938-

Tibério / Allan Massie ; tradução de Alexandre Martins.
— São Paulo: Faro Editorial, 2021.
256 p. (Os Senhores de Roma)

ISBN: 978-65-5957-006-5

Título original: Tiberius

1. Ficção inglesa 2. Tibério, Claudio Nero, Imperador de Roma, 42 D.C. - 37 D.C. - Ficção I. Título II. Martins, Alexandre III. Série

21-1857

CDD 823.914

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa



2ª edição brasileira: 2021

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR



INTRODUÇÃO

NA FORMA DE RENÚNCIA:

*N*ÃO SEI QUANDO COMECEI ALGO COM TANTA HESITAÇÃO QUANTO ESTA INTRODUÇÃO, que me foi encomendada pelos meus editores. Isto porque eles não queriam, como disseram, "ser associados a qualquer coisa que pudesse se revelar uma fraude sem deixar claras as suas dúvidas em relação à autenticidade da publicação".

MUITO ADEQUADO, MAS AONDE ISTO ME LEVA, À MEDIDA QUE NEM O MAIS claro aviso é suficiente para diminuir as dúvidas do leitor? Ademais, se o livro em si não é aquilo que ele se propõe a ser, por que razão esta introdução deveria ser levada em consideração?

Ainda assim, compreendo por que eles a querem. Isto é o mais irritante. Mais do que tudo, é a coincidência que os incomoda.

Deixe-me explicar, da melhor forma possível:

Em 1984, a biografia do Imperador Augusto foi descoberta no monastério macedônio de São Cirilo e São Metódio (não São Cirilo Metódio, como equivocadamente afirmou o Professor Aeneas Fraser-Graham na sua introdução à edição inglesa do livro, erro que, apesar dos meus apelos, permaneceu, obstinadamente, nas edições inglesa, americana, francesa, italiana, alemã e, tanto quanto eu fui capaz de perceber nas provas, dinamarquesa).

Esta autobiografia, perdida desde a Antiguidade Clássica, mas cuja existência foi confirmada por Suetônio e por outros autores, foi confiada a mim para tradução. A minha deveria ser uma edição popular, a ser publicada antes da edição erudita comentada, que estava, e acredito que ainda esteja,

sendo preparada e que deve permanecer neste estágio ainda durante muito tempo. Mas isto não é problema meu.

Minha tradução chamou a atenção de todos, inclusive, claro, a dos lunáticos. Um deles, por exemplo, me informou que a página 121 da edição americana desvendava os segredos da Grande Pirâmide de Quéops, o que não é verdade.

Assim, oito meses atrás, quando eu estava visitando Nápoles a convite (eu suponho, embora isto possa ser um erro meu) do Conselho Britânico, fui abordado na Galeria Umberto I por um robusto homem de meia-idade, vestido com uma roupa encardida. Ele carregava um livro preto debaixo do seu braço esquerdo, e a forma como ele o carregava chamou a minha atenção para um furo no cotovelo do seu paletó. Ele me chamou pelo nome, atribuindo a mim, como costumam fazer os italianos, um doutorado que eu não possuo, em virtude (se me permitem a digressão) de uma divergência de opinião com as autoridades do Trinity College, em Cambridge, em 1960.

Ele então se apresentou como o Conde Alessandro di Caltagirone, um nome cujo significado eu não captei imediatamente. Ele disse que estava muito impressionado com a minha tradução da obra *Augusto*, embora ele soubesse, claro, que ela não era autêntica.

— Por que você acha isto? — perguntei.

— Não há dúvida — ele respondeu, pedindo um drinque na minha conta. — Ao contrário do que eu tenho para lhe oferecer — continuou.

— E o que seria?

— As verdadeiras memórias do Imperador Tibério — ele respondeu.

— Ora essa — eu disse —, seria coincidência demais...

— Ao contrário, é apenas muita coincidência, porque estava escrito que deveria ser assim...

— Escrito? — perguntei.

— Em seu horóscopo, que eu mesmo fiz, mais de duzentos anos atrás.

Você pode imaginar que neste ponto eu concluía que estava lidando com um louco e tentava escapar o mais discretamente possível. Mas ele não pretendia ser abandonado. Ele grudou em mim e, para encurtar a história, acabamos chegando a um acordo, cujos termos exatos eu não estou autorizado a revelar. O fato é que recebi os manuscritos em latim, que traduzi e apresento aqui.

Não pretendo discutir sua autenticidade: o leitor é que deve chegar a uma conclusão. Se o leitor for convencido, esta é uma prova que nenhum

acadêmico poderá contestar. (E a minha própria fé nos acadêmicos foi, confesso, muito abalada nos últimos anos. Eles são como as outras pessoas: acreditam naquilo que os agrada e depois buscam uma explicação para isso.)

Mas há certas restrições que eu devo fazer para preservar minha reputação.

Em primeiro lugar, os manuscritos em que eu trabalhei são provavelmente únicos, e foram escritos em papéis que datam do século XVIII.

Depois, o Conde Alessandro di Caltagirone é, como pude descobrir, um homem de reputação dúbia. Para começo de conversa, este certamente não é seu nome verdadeiro, e há dúvidas sobre se ele seria realmente um conde. Os leitores mais perspicazes já devem ter percebido a ligação que eu não percebi mesmo depois de alguns meses: Caltagirone era o nome do monastério em que Giuseppe Balsamo, mais conhecido como Conde Alessandro di Cagliostro, foi educado entre 1760 e 1769. Cagliostro — médico, filósofo, alquimista e necromante — alegava possuir "o elixir da juventude eterna", uma frase que também escapou dos lábios do meu amigo Caltagirone, embora eu deva acrescentar que a sua aparência negava a afirmação.

Quando eu lhe perguntei a respeito da origem dos manuscritos, ele foi inicialmente evasivo, depois disse que podia refazer seu percurso até 1770. O que fazer com tal informação?

Mesmo uma leitura superficial das Memórias deixaria os críticos em dúvida: há momentos em que Tibério parece ter uma sensibilidade mais associada ao Iluminismo do século XVIII do que à Roma Antiga. Também há uma curiosa ausência de detalhes sobre a vida cotidiana na Roma Imperial, e a ausência daquela consciência religiosa que, a despeito de todas as indicações em contrário, era parte integral da supersticiosa personalidade romana. As poucas referências a esta questão fundamental do espírito romano são ainda superficiais, como se o autor considerasse tudo isso muito tedioso, algo a que ele não dedicava atenção. Se lembrarmos que o século XVIII presenciou a primeira reviravolta com Tácito, tradutor de Tibério, uma reviravolta expressa, por exemplo, tanto por Voltaire quanto por Napoleão, então parece plausível sugerir que o que temos aqui é um "antitácito", criado por algum intelectual debochado daquele tempo para sua própria diversão.

Por outro lado, se aceitarmos a identificação Caltagirone-Cagliostro (o que estou pouco inclinado a fazer), então os manuscritos devem conter alguma mensagem oculta que eu não consegui decifrar.

Esta é uma possibilidade, mas se existir tal mensagem, então deve ser compreendida apenas pelos sobreviventes das lojas maçônicas egípcias fundadas pelo próprio Cagliostro. Há uma loja em Palermo, outra em Nápoles, uma terceira em São Petersburgo (desativada, segundo me disseram) e uma quarta, a maior e mais ativa, em Akron, Ohio. Contudo, nem mesmo a loja de Akron respondeu a meus pedidos de ajuda.

Uma semana depois de Caltagirone "empurrar-me" os manuscritos, sua morte foi anunciada na primeira página do *Il Mattino*, o principal jornal de Nápoles. Ele foi descrito muito francamente pela imprensa italiana como "um notório vigarista".

Assim, eu fiquei com os manuscritos e comecei a trabalhar neles.

Outras discrepâncias foram surgindo, e logo ficou claro para mim que, a despeito de sua procedência, a despeito de sua autenticidade, as Memórias eram o trabalho de várias mãos, e em diferentes épocas. Fiquei convencido de que mesmo os papéis do século XVIII eram uma pista falsa. Parecia estranho, por exemplo, que na página 187 dos manuscritos, Tibério estivesse citando Nietzsche. Isto, somado ao tom de alguns trechos, me fez especular se os manuscritos (se é que eles existiam) teriam sido trabalhados por algum morador de Capri, digamos, da primeira década do século XX. Esta suspeita foi reforçada quando meu atento agente, Giles Gordon, disse-me que um acontecimento parecia tirado de *A História de São Michele*, de Axel Munthe.

Um argumento contra tal hipótese é que o personagem que aparece a Munthe também alega ter aparecido séculos antes para ninguém menos que Tibério. Sempre se presumiu que Munthe inventara este *genius loci*; contudo, pensei, e se não foi assim? Esta suposição não deveria confirmar a autenticidade das Memórias?

Há outra história — sobre as sereias — que me fazia lembrar de uma de Giuseppe di Lampedusa. Isto faria com que a trama das Memórias fosse inaceitavelmente tardia, pensei; por outro lado, a região do Mediterrâneo é muito rica em histórias sobre sereias e é sabido que Tibério tinha um interesse particular neste mito. Finalmente, há o posfácio, que é decididamente estranho à medida que fala da suposta sobrevivência das Memórias originais.

Até agora eu continuo em dúvida. Não posso afirmar que estas sejam as Memórias de Tibério, nem, categoricamente, que não sejam. Acredito

que a base da narrativa deva ser autêntica, mas que versões posteriores a refinaram, ampliaram e poliram.

E eu me descubro me perguntando qual é a importância disto? O que temos aqui, de forma convincente e entusiasmante — de outra forma eu não teria me entregado ao trabalho de traduzir a obra —, é o admirável retrato de um dos maiores, e certamente o mais infeliz, dos imperadores romanos. No final, eu digo a mim mesmo, a ficção — se isto é ficção — pode oferecer verdades a que nenhuma biografia ou mesmo autobiografia pode aspirar. Quem pode conhecer a si mesmo ou a outro homem tão completamente quanto um artista pode imaginar uma vida? Qual é a identidade destacada? Um grande e virulento artista, Tácito, pendurou um terrível retrato de Tibério na parede da História. Se outra mão deve se mover para retocar aquele retrato, que seja assim. Foi Napoleão, com sua aguda percepção das motivações dos homens, que classificou o grande historiador como *le poète*; ainda assim, a verdade de Tácito continuou preponderante durante séculos. O autor desta autobiografia, quem quer que ele seja, também é, eu diria, um poeta em alguns momentos, e acredito que a sua versão da História, uma versão que sem dúvida é a da defesa, também terá sua influência. Tibério esperou muito tempo por justiça; talvez já seja hora de cancelar o pacto oferecido a ele no jardim pelo rapaz divino, que prometeu ao velho imperador paz de espírito em troca do sacrifício da sua reputação.

Assim, não me interessa se estas Memórias são autênticas ou não. Elas me convenceram de que contêm importantes verdades. *Basta!*

Escrevi tudo isso e decidi esperar uma semana ou duas para ver se havia mais alguma coisa que gostaria de acrescentar.

Assim que concluí que estava satisfeito, recebi um telefonema. Reconheci a voz imediatamente. Era o conde. Ele rememorou um acordo que não havia sido feito: o de que ele deveria receber 75% dos direitos da tradução e 20% dos meus direitos na Inglaterra. Quando eu lhe disse que não me lembrava disso, e que, de qualquer modo, pensava que ele estivesse morto, ele riu.

— Eu dei a Tibério o meu elixir — ele disse. — Como você pode pensar que eu e ele podemos morrer?

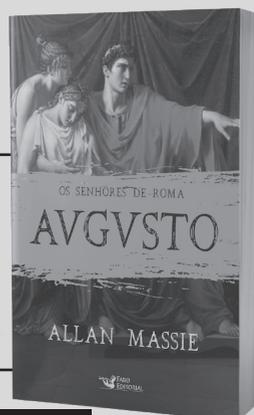
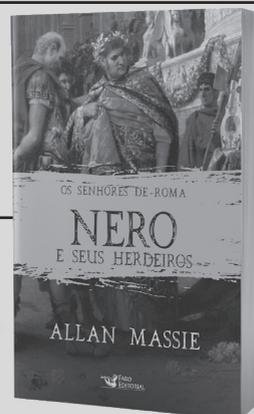
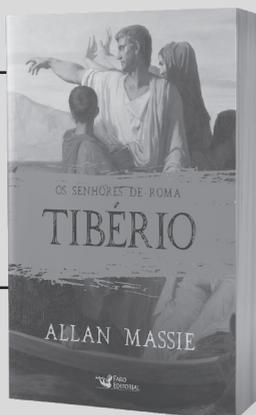
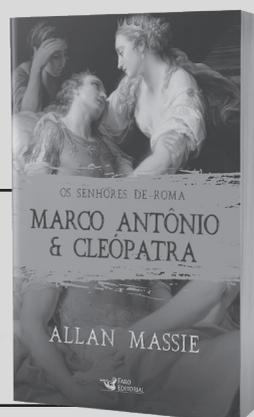
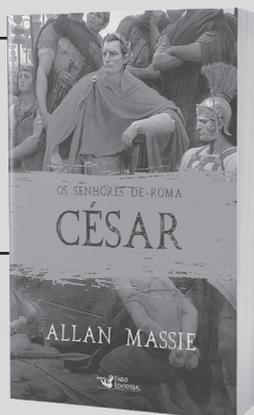
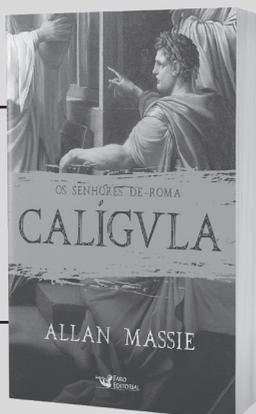
Não encontrei uma resposta para essa pergunta. Ele prometeu aparecer na festa de lançamento. Vamos esperar.

ALLAN MASSIE

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR

COLEÇÃO “OS SENHORES DE ROMA”



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
EM AGOSTO DE 2021